

# A VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL E AS MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA ENTRE PARES NO AMBIENTE ESCOLAR

**MÁRQUES**, Fernanda Telles – UNIUBE – [fernanda.marques@uniube.br](mailto:fernanda.marques@uniube.br)

**MORAIS**, Diego Vitorino de – UFU – [diegovmorais@gmail.com](mailto:diegovmorais@gmail.com)

**ET:** Educação Popular, Diversidade Cultural e Construção de Saberes / nº 03

**Agência Financiadora:** PAPE-UNIUBE; CNPq

Palavras-chave- Violência escolar – Diversidade/Alteridade – Processos educativos

## Introdução

A violência escolar, que envolve a violência *da* escola e manifestações de violência *na* escola, chegou à primeira década do século XXI passando de expressão de dificuldades individuais de relacionamento interpessoal e grupal a questão de saúde pública. Animosidades permeando relações verticais e horizontais, abusos e omissões do poder institucional, assédio moral e *mobbing* entre professores, *mobbing*, *bullying* e *cyberbullying* entre alunos, agressões entre adultos responsáveis por crianças em conflito, atos de vandalismo, e o aguçamento da judicialização da educação escolar e familiar, estão entre os elementos que dão visibilidade a um problema que também envolve ingerências, intransigências para com as diferenças e disposição para a negação da alteridade.

Considerando a seriedade do quadro mencionado, o presente trabalho, que envolve resultados parciais de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Educação da UNIUBE<sup>1</sup>, propõe a problematização das relações existentes entre a violência institucional e as manifestações de violência entre pares ocorridas no cotidiano de uma escola pública do Ensino Fundamental da cidade de Uberaba, MG.

## Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é discutir, a partir das percepções de professores(as) e de alunos(as) de diferentes ciclos do Ensino Fundamental, se e como são percebidas, no cotidiano escolar, as relações existentes entre a violência institucional e as manifestações de violência na escola, como o *bullying*, o *mobbing*

e as agressões físicas e verbais. Como objetivo social, ressalta-se a possibilidade de contribuir para a elaboração de estratégias de prevenção e de redução de danos causados pela violência escolar.

## **Metodologia**

Para alcançar os objetivos propostos, a investigação faz uso da Triangulação (Denzin, 1985), constituindo-se por pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

A pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de um programa de leituras sobre a *violência escolar* em duas de suas dimensões: a *violência da escola*, aqui entendida como uma modalidade de violência *institucional* (Bleger, 1988) e a *violência na escola*, que além das observáveis manifestações de *violência dura* (Chesnais, 1981), tais como agressões físicas e verbais, inclui ainda a presença de *violência simbólica* (Bourdieu, 1975) e de um complexo quadro de continuadas *microviolências* (Debarbieux, 2006).

A pesquisa documental consiste na análise de documentos variados nos quais estão assentados modelos comportamentais socialmente valorizados e medidas para o caso do seu descumprimento, como textos de lei, regimentos, decisões colegiadas, entre outros. Os dados obtidos nesta etapa estão sendo tratados por meio da análise de conteúdos, especificamente na modalidade categorial temática (Bardin, 2000).

Quanto à pesquisa de campo, que ainda está em desenvolvimento, esta consiste na observação sistematizada do cotidiano escolar, aliada à coleta de produtos dos sujeitos da investigação. No caso dos professores e gestores, foram aplicados questionários mistos e, na próxima etapa dos trabalhos, serão realizadas entrevistas com diretividade mínima junto a uma amostragem menor. No caso das crianças e adolescentes, será aplicado um questionário misto e, na etapa final dos trabalhos, será proposta a realização de textos e desenhos temáticos.

Aqui cabe lembrar que a Antropologia é uma tradicional usuária da interpretação de recursos iconográficos produzidos por seus informantes. A técnica adotada tem em Gusmão (1990, 1999) sua principal representante brasileira, e sua aplicação junto a crianças e adolescentes pode ser conhecida em vários outros trabalhos de orientação antropológica, como os de Márques (1993, 1997) sobre o imaginário de crianças trabalhadoras com vivência rueria; de Fiamengue (1997)

sobre as representações sociais de crianças de um assentamento rural; de Pires (2007) sobre as percepções infantis da religião e do sobrenatural, entre outros.

Tratado como uma estrutura narrativa tecida por imagens, o desenho da criança e do adolescente será utilizado como um importante veículo para a expressão da *percepção* que os sujeitos têm do meio escolar em que se inserem e das relações sociais e interpessoais que nele são estabelecidas.

## **Discussão e Resultados**

Na segunda metade do século XX, a questão da violência escolar ainda não era abordada como expressão de um problema da coletividade, mas apenas como manifestação individual de dificuldades para o estabelecimento satisfatório de relações interpessoais e grupais.

A fragilidade desta abordagem centrada na individualidade dos sujeitos mais diretamente envolvidos em contendas escolares (agressores e vítimas), e um tanto alheia ao problema da violência institucional e ao contexto sociocultural, passou a ser melhor discutida com o estabelecimento de ricos diálogos entre Educação, Ciências Sociais e Psicologia. Diálogos estes que favoreceram outras reflexões pautadas também pela ampliação do conceito de violência (Misse, 2008; Tavares dos Santos, 1995, 2001), bem como pela politização da discussão das culturas infantojuvenis (Cohn, 2005; Sposito, 1998) e do mal-estar nas relações escolares (Cerezer e Outeiral, 2005; Kodato, 1998).

O resultado deste processo é que, no século XXI, caminha-se a passos largos para o reconhecimento da violência escolar também como uma questão de saúde pública. E isso pressupõe sua abordagem enquanto manifestação epidêmica, específica e indicativa de um processo de comprometimento da saúde do coletivo.

Esta perspectiva, só tornada possível com a histórica e processual superação do conceito biomédico de saúde (“oficializada” na Declaração de Alma-Ata, de 1978), deflagra a revisão de um conjunto de ações e posturas socialmente validadas até então. Em relação ao enfrentamento da violência que se manifesta na escola, a intervenção impositiva e vertical, fundamentada *no princípio da autoridade* (tradicionalmente evocado por gestores e representantes da Segurança Pública), vem sendo substituída, ainda que de forma gradual e descontínua, pelo desenvolvimento de dispositivos dialógicos e de práticas mediacionais, nas quais se procura, antes, *ouvir* a comunidade escolar, para então compreender o contexto de

produção do fenômeno em discussão e promover ações de caráter fundamentalmente educativo.

Neste sentido, quando relacionadas às observações do cotidiano escolar, as pesquisas bibliográfica e documental permitem chegar a algumas conclusões bastante significativas.

Uma delas é que, não obstante notáveis esforços, permanece a dificuldade da instituição escolar em administrar diferenças sem recorrer aos tradicionais sistemas de classificação ascendente. Sistemas estes que, cabe lembrar, foram fundamentais para a compreensão – vigente até meados do século XX – de que a autoridade da escola poderia se expressar, legitimamente, de forma violenta.

Os dados até o momento coletados também sugerem que, quando a instituição escolar recorre à violência institucional enquanto instrumento de controle das ações e das mentalidades, tem-se um terreno muito mais fértil para a manifestação da violência entre pares. Em outras palavras, a violência horizontal (entre professores ou entre alunos), assim como a violência vertical (na relação professor-aluno), manifestam-se com mais intensidade quando o funcionamento da instituição escolar já tem (em si) incorporadas práticas como: comunicação oficial velada e seletiva, tratamento desigual a depender de fatores como classe social ou relações de compadrio, exceções às regras pautadas por relações de afinidade, omissão em relação a processos violentos em curso e dos quais já se tem conhecimento internamente, etc.

Em todos os casos, os discursos e as práticas dos agentes da violência - sejam indivíduos, grupos ou a própria instituição -, deixam entrever que não se reconhece o “outro” como um sujeito moral. Ao final das contas, o que se vê nestas circunstâncias é uma instituição escolar em sérias dificuldades para o cumprimento de suas funções socializadoras e, em consequência, uma comunidade escolar que não se reconhece enquanto tal.

#### **Notas**

1- Trata-se do projeto de pesquisa “Da violência institucional à violência entre pares: um estudo da violência nas relações escolares”, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Telles Márques e desenvolvido com o apoio financeiro do CNPq e do PAPE-UNIUBE. Referido projeto foi aprovado pelo CEP-UNIUBE e está registrado no SISNEP sob o protocolo CAAE-0016.0.227.000-11.

#### **Referências**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2000.

BLEGER, J. O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In: KAËS, R. et al.

- (Orgs.). **A instituição e as instituições**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CEREZER, C; OUTEIRAL, J; **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- CHESNAIS, J. **Histoire de la violence**: en occident de 1800 à nos jours. Paris: Robert Laffont, 1981.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DENZIN, N. K. **The Research Act, Englewood Cliffs**, N. J., Prentice Hall, 1989.
- DEBARBIEUX, E. **Violence à l'école** : un défi mondial?, Paris: Armand Colin, 2006.
- DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, Alma-Ata, 1978**. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/coletiva/uploadArg/Alma-Ata.pdf>>. Acesso em: março de 2009.
- FIAMENGUE, E. **Entre o Espaço Vivido e o Espaço Sonhado**: imagens da infância em um assentamento de trabalhadores Rurais. Dissertação [Mestrado], UNESP, Araraquara, SP, 1997.
- GUSMÃO, N. M. M. **A Dimensão Política da Cultura Negra no Campo**: uma luta, muitas lutas, Tese [Doutorado]. PPGCS, Universidade de São Paulo – USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo/Campinas, v. 107, n. 0, p. 41-78, 1999.
- KODATO, S. A crueldade na instituição. **Psi – Revista de Psicologia Social**. No. 1, janeiro de 1999. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/cruelda.htm>. Acesso em março de 2009.
- MÁRQUES, F. T. **O Pivete e o Mendigo**: a noção de reprodução social nas obras de Daniel Bertaux e de Pierre Bourdieu. Marília, 1993. Monografia [Graduação], FFC – UNESP, Marília-SP.
- \_\_\_\_\_. Tecendo as Tramas da “Maldição”. In: **A Maldição” das Ruas e o Estigma do Pivete**, Dissertação [Mestrado], FCL – UNESP, Araraquara-SP, 1997. pp. 128-144.
- \_\_\_\_\_. Intolerâncias e in[ter]venções: “menores” e “crianças” no imaginário social brasileiro. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 2011, 2 (9), pp. 797 – 809.
- MISSE, M. Dizer a violência. **Katálysis [online]**, vol. 11, n. 2, 2008, pp. 165-166.
- PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, June 2007
- SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, n. 104, jul./1998: 58-75.
- TAVARES DOS SANTOS, J.V. O muro da escola e as práticas de violência. In: SILVA, L.H.; AZEVEDO, J.C. (Orgs.). **Reestruturação curricular**: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 228-234.
- \_\_\_\_\_. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105-122, 2001.
- ZALUAR, A. (Org.). **Violência e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992. pp. 103-124.